

Circulação em rede: a complexa comutabilidade dos polos de produção e recepção no fluxo comunicacional digital

Networked circulation: the complex commutability of the poles of production and reception in the digital communication flow

Moisés Sbardelotto

msbardelotto@yahoo.com.br

Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio doutoral na Università di Roma “La Sapienza”, na Itália. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral (Fapergs/Capes) no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos. É autor de *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital* (Paulinas, 2017) e de *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet* (Santuário, 2012).

Resumo

Este artigo articula uma reflexão teórico-metodológica sobre a complexidade da circulação em um contexto de midiatização digital, em que ocorre a emergência de novos interagentes comunicacionais em conexão. Primeiramente, revisam-se criticamente algumas linhas de análise presentes em estudos sobre circulação. Em seguida, problematiza-se a organização da circulação do *socius* em plataformas sociodigitais como Facebook e Twitter, propondo uma articulação teórico-metodológica para a observação e descrição dos processos de circulação no ambiente digital, a partir da emergência das chamadas redes comunicacionais e dos circuitos que as mobilizam. A partir disso, reflete-se sobre a comutabilidade produção-recepção nos processos de circulação em rede, considerando-se que tais polos só existem reciprocamente, constituindo-se mutuamente mediante a dinâmica da circulação. Por fim, à guisa de conclusão, afirma-se que, em redes comunicacionais, os polos de produção e de recepção não desaparecem, mas não é mais possível fixá-los em um sujeito social específico. Nessa diversidade de interagentes em rede, a circulação do *socius* leva à sua própria reconstrução social.

Palavras-chave: circulação, redes comunicacionais, midiatização digital, Facebook, Twitter.

Abstract

This paper articulates a theoretical and methodological reflection on the complexity of circulation in the context of digital mediatization, in which the emergence of new networked communication inter-agents occurs. First, it critically reviews some lines of analysis present in studies on circulation. Then, it problematizes the organization of the circulation of the *socius* in socio-digital platforms such as Facebook and Twitter, proposing a theoretical and methodological articulation for the observation and description of the processes of circulation in the digital environment, on the basis of the emergence of the so-called communication networks and the circuits that mobilize them. Starting from this context, it reflects on the commutability of production-reception in networked circulation processes, considering that these poles only exist reciprocally, constituting themselves mutually through the dynamics of circulation. In conclusion, it states that, in communication networks, the poles of production and reception do not disappear, but it is no longer possible to fix them in a specific social subject. In this diversity of networked inter-agents, the circulation of the *socius* leads to its own social reconstruction.

Keywords: circulation, communication networks, digital mediatization, Facebook, Twitter.

1 Introdução

Analisar a midiatização é analisar as mudanças comunicacionais vividas pela sociedade na contemporaneidade, complexificadas pelo fenômeno midiático. Nesse

processo, vemos que a sociedade em geral (indivíduos, grupos e instituições) *toma a palavra publicamente e, midiaticamente, diz o socius* – entendido como as relações de sentido que caracterizam uma dada sociedade – para a própria sociedade em geral. Especialmente as interações

em plataformas sociodigitais¹ produzem novas modalidades comunicacionais, da sociedade para com a própria sociedade. Em suma, os interagentes² em rede *fazem algo com o socius*, para além da oferta das instituições sociais tradicionais – como escolas, partidos, sindicatos, igrejas, organizações civis, etc. – ou das corporações midiáticas – a chamada “grande mídia” –, em termos de reconstrução de sentidos sociais.

Nessa ampliação das interações interpessoais para além do controle das instituições estruturadas e na maior difusão de construções midiáticas para além da gestão do “campo dos *media*”, vemos também uma das principais processualidades comunicacionais em sociedades em midiatização, justamente o fenômeno da *circulação*. Nos processos de circulação comunicacional que permeiam toda a sociedade, brotam os fluxos, formam-se os circuitos e as redes, e travam-se as disputas simbólicas pela construção de sentido social.

Tal construção pressupõe um reconhecimento prévio de outros sentidos, e tal reconhecimento pode levar a novas produções de sentido. “Um determinado discurso em circulação na sociedade produzirá uma multiplicidade de efeitos, uma vez que tal estratégia vai lidar com uma existência e multiplicidade de outros discursos” (Fausto Neto, 2007, p. 23). Ou seja, uma construção de sentido sempre desdobra uma nova construção de sentido, que não encontra um “fim” ou um “destinatário final” – trata-se de uma ação sempre social, infinita e histórica.

Desse modo, torna-se muito mais complexo delimitar quem “produz” e quem “recebe” nessas relações, assim como os “pontos iniciais” e os “pontos de chegada” de um processo comunicacional, pois, no processo de midiatização das sociedades contemporâneas, geram-se

“novas estruturas e dinâmicos feixes de relações entre produtores e receptores de discursos” (Fausto Neto, 2010, p. 6), que também se tornam mais visíveis para o pesquisador. É nessa relação que a circulação emerge como problema, pois, como afirma Ferreira (2008, p. 64), toda construção de sentido é “atravessada pela travessia que propicia”.

A partir desse contexto, propomos, neste artigo, articular uma reflexão teórico-metodológica sobre a complexidade da circulação, especificamente em um contexto de midiatização digital, em que ocorre a emergência de novos interagentes comunicacionais em conexão. Primeiramente, revisamos criticamente algumas linhas de análise presentes nos estudos sobre circulação. Em seguida, problematizamos o modo como se organizam os processos midiáticos de circulação do *socius* em plataformas sociodigitais como Facebook e Twitter. Para isso, refletimos sobre os processos de circulação no ambiente digital, a partir da emergência daquilo que chamamos de redes comunicacionais e dos circuitos que as mobilizam. A partir disso, refletimos sobre a comutabilidade produção-recepção nos processos de circulação em rede, considerando-se que tais polos só existem reciprocamente, constituindo-se mutuamente mediante a dinâmica da circulação.

Por fim, afirmamos que, em rede, os polos de produção e de recepção não desaparecem, mas não é mais possível fixá-los em um sujeito social específico. Assim, a circulação do *socius* em rede leva à própria reconstrução deste por parte dos mais diversos interagentes sociais em conexão.

2 Circulando pela circulação: uma revisão crítica de algumas linhas de análise

Inicialmente, os estudos comunicacionais viam a circulação como sinônimo de um processo “da produção à recepção”, isto é, como mera distribuição, como passagem linear de um produto simbólico de um ponto A para um ponto B, pontos estes dotados de papéis e funções claramente distintos e separados. O modelo para compreender essas interações não previa retroações: tratava-se de uma ação linear (um *emissor* envia uma *mensagem* através de um *canal* para um *receptor* em vista de um *efeito* previsto). A circulação, segundo esse modelo, era apenas um intervalo neutro entre produção e recepção. As retroações se dariam fora do sistema, sendo consideradas como ruído. E, se os efeitos esperados não fossem alcançados, a culpa seria do ruído. Haveria, portanto, uma “produção” claramente identificável e estável, categorizável como “corporações midiáticas”, por exemplo, que produziria conteúdo para uma “audiência”, “massa”, “público”, que simplesmente assimilariam os sentidos

1 Entendemos por plataforma sociodigital aqueles padrões comunicacionais on-line caracterizados por interfaces e protocolos multimodais específicos, como Twitter, Facebook, Instagram, etc. Cada um desses padrões comunicacionais envolve, ao mesmo tempo, softwares, sites e aplicativos próprios, todos interconectáveis, que também podem se inter-relacionar com as demais plataformas e podem ser acionados mediante os mais diversos aparatos digitais (computador, celular, tablete), a eles se ajustando de modo interdependente.

2 Primo (2003) relembra que, ainda em 1979, Raymond Williams sugeria que, na análise da circulação, as figuras dos polos “emissor” e “receptor” deveriam ser substituídas pela “ideia mais estimulante” de “agentes intercomunicadores”. Por isso, Primo (2003) propõe o conceito de *interagente* a partir da ideia de interação, ou seja, “a ação (ou relação) que acontece entre os participantes. Interagente, pois, é aquele que age com outro” (p. 133). Como critica o autor, “ver os interagentes apenas como usuários de tecnologia é retirar a própria interação do foco de análise” (p. 139), ou seja, a ação compartilhada entre os diversos agentes. Contudo, a abordagem do autor, embora ajude a compreender as novas práticas comunicacionais, ainda permanece às vezes centrada no agente humano, sem atentar para as demais ações que são realizadas por outros agentes (tecnologias, discursos, símbolos, lógicas socioculturais, etc.) nos processos comunicacionais. Aqui, portanto, interagente é todo aquele que *age e faz agir* (interage) no processo midiático – e o desafio é justamente observar tais ações e analisar tais interagentes, indo além do estritamente humano, em processos de comunicação.

propostos por aquela, efetivando os efeitos previstos desde o início do processo.

Um segundo movimento dos estudos sobre a circulação passou a enfatizar aquilo que acontecia com o produto “depois da recepção” (Braga, 2012b), ou seja, os *feedbacks*, as respostas, os *remakes*, os desvios sobre os produtos. Nesses processos, se manifestaria um caráter de diferença, desajuste, defasagem entre produção e recepção, em que as construções interpretativas dos receptores também se tornariam sociais, como um fazer comunicacional que envolveria uma ação crítica sobre aquilo que se recebe. Reconhece-se, então, que o emissor não controla o conteúdo que elabora, embora produza efeitos sobre a recepção, mas não necessariamente os mesmos que foram previstos em sua produção. Percebe-se aí a emergência de um novo interagente comunicacional, que “apropria-se da linguagem para referir-se, referir o mundo e referir o seu *socius*” (Fausto Neto, 2010, p. 8), o que explicita ainda mais a dimensão “circular” dos processos comunicacionais e não meramente transmissional “da emissão à recepção”.

Um terceiro movimento, para além de um mero processo “depois da produção” ou “depois da recepção”, buscou ver a circulação como uma “zona de articulação” (Fausto Neto, 2010) entre *lógicas de produção* e *lógicas de reconhecimento*, que se inter-retro-relacionariam. Ou seja, uma interface entre lógicas diferentes, não definíveis aprioristicamente, mas apenas conjunturalmente, dentro de contextos específicos de interação. Tratar-se-ia de um mesmo movimento de “consumo produtivo” e de “produção consumidora” (Ferreira, 2012). Na observação desse processo, percebe-se que um agente “opera como receptor de outros discursos e, ao mesmo tempo, como emissor de outros, cuja circunstância reúne também a existência de outros sujeitos como produtores e receptores” (Fausto Neto, 2008, p. 124).

Como vemos, os papéis fixos, as estruturas estáveis e os objetos isolados identificados previamente nas ações comunicacionais vão dando lugar aos fluxos transversais e aos circuitos interligados da circulação das sociedades em midiatização. Abandona-se a perspectiva centralizada no “sujeito-mestre” da circulação, em geral situado no polo produtor ou no conteúdo que circula, dada a inter-relação entre os diversos interagentes circulatórios. Contudo, permanecem uma diferença e uma divergência entre as ações realizadas pelos interagentes em situação de produção e pelos interagentes em situação de recepção: eles *fazem coisas diferentes*, embora em codependência. Mesmo que realizem “operações isomórficas”, por possuírem a mesma estrutura operacional, cada polo – não fixado previamente, mas apenas conjunturalmente – opera segundo “lógicas qualitativamente distintas” (Verón, 2013, p. 302).

Ou seja, nem a “produção” nem a “recepção” capturam o “movimento de orquestração social, que engloba as duas lógicas e que oferece novos mecanismos de inteligibilidade para a midiatização” (Ferreira, 2008, p. 64). Decorrem daí a indeterminação dos processos e a incerteza para a análise, dada a complexidade da circulação, em que se dá a “conexão imprevista de códigos, estruturas e sistemas em interação, mobilizados pelas posições cambiantes entre produção e recepção, colocando em xeque posições sociais e históricas construídas” (Ferreira, 2010, p. 76).

Para compreender essa relacionalidade da circulação, Braga (2012a) propõe a noção de *circuitos*, pois os campos sociais já não interagem entre si segundo suas lógicas próprias, mas negociando suas “fronteiras”, sendo crescentemente atravessados por circuitos circulatórios diversos. Eles também “agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da midiatização” (*ibid.*, p. 45), com repercussões sobre o perfil de cada campo. Nesses “contrafluxos” desencadeados pela circulação, “passamos a produzir a partir das respostas que pretendemos, esperamos ou receamos” (*ibid.*, p. 40), e essa “produção” é de todos os âmbitos da sociedade, das instituições midiáticas, das demais instituições sociais, dos indivíduos, etc. Assim, podemos entender a circulação como a inter-relação de “circuitos retroativos”, que envolvem produção/recepção, abertura/fechamento, repetição/renovação, irreversibilidade/retorno (Morin, 2008).

Nesse sentido, o produto comunicacional – discursos, símbolos, etc. – se manifesta como a “consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como ‘um objeto para circular’ – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação” (Braga, 2012a, p. 41). O produto, portanto, pode ser compreendido como um “‘momento’ (particularmente feliz, dada sua materialização) de um circuito *que começa antes e continua depois*” (Braga, 2012b, p. 50). Ou seja, nas relações entre produção e recepção, o produto comunicacional, seja ele qual for, é sinal, sintoma, rastro, marca, pegada da circulação, em que “o sujeito não é mais a ‘fonte’ do sentido, mas [...] um relé dentro da rede das práticas discursivas” (Verón, 2004, p. 82). Assim, “produto”, “produtor”, “receptor”, “meio”, “contexto” (etc.) de comunicação constituem-se, todos, em uma relação circulatória, emergindo e fazendo emergir os demais nessa relação, cuja “unidade de análise mínima não pode ser outra além daquela da interdiscursividade, ou seja, aquela da troca” (*ibid.*, p. 82).

A circulação, dessa forma, seria o movimento de relação de relações de sentidos. Trata-se de uma *ação de circular*: de interagir, de acoplar, de articular, de interpenetrar uma pluralidade diversa de elementos – não apenas

mensagens e sentidos, mas também agentes em situação de produção e/ou de recepção, tecnologias, lógicas, dinâmicas, contextos de comunicação. Quer em produção, quer em recepção, os diversos e heterogêneos interagentes das redes digitais constituem-se e encontram-se mobilizados pela circulação.

3 A circulação em ambientes digitais: a emergência das redes comunicacionais

Em plataformas sociodigitais, como Twitter ou Facebook, os interagentes em geral – instituições, grupos e indivíduos – vão dando forma a um ambiente de publicização e visibilização de diversas construções de sentido sobre o *socius*, em uma pluralidade sociocultural expressiva que, de outro modo, poderia permanecer oculta. Esse processo não é neutro nem automático: para a sua ocorrência, tais interagentes precisam repensar e atualizar seus processos comunicacionais tradicionais, internos e externos – especialmente no caso de instituições mais consolidadas –, para o ambiente digital, em um processo de mediação digital.

Esta pode ser compreendida como um processo de transformação sociotécnica que permitiu a universalidade da linguagem digital sobre todos os suportes midiáticos anteriores (textos, sons, imagens, dados) e o surgimento de um sistema de comunicação em rede. A crescente integração e conexão de microrredes digitais locais e regionais entre si com microrredes sociais locais e regionais expandiu-se em nível mundial mediante sua abrangência, flexibilidade, descentralização e inclusão das diversas expressões socioculturais (Castells, 2000). E as mídias digitais, particularmente a internet, passaram a atuar como “facilitadoras ou realçadoras de redes *humanas*” (Dijck, 2013, p. 11; trad. nossa).

Tais processos midiáticos emergentes em plataformas sociodigitais, por sua vez, produzem novas discursividades sociais sobre o *socius* – a partir ou para além daquilo que é ofertado pelas mídias corporativas e também pelas próprias instituições tradicionais. Trata-se de “outro” processo midiático, não mais gerenciável pelas empresas midiáticas, e trata-se de “outro” processo social, não mais controlável pelas instituições tradicionais. Gera-se um “parassistema” de processos midiáticos, organizados a partir de “outro” ponto da sociedade, que pode, assim, criticar, rever, contestar, debater o *socius* para além das mediações ou intermediações institucionais sociais ou midiáticas já estabelecidas (cf. Braga, 2012b).

Em plataformas sociodigitais, diversos meios se relacionam entre si (como textos, imagens, vídeos, páginas, grupos, postagens, tuítes, comentários, etc., em seus usos e apropriações comunicacionais), gerando “meios de meios”, que vão se articulando para a construção de

sentido, a interação pessoal e a organização social. Trata-se de um sistema de grande complexidade, pois “as mídias não são apenas meios, mas um amplo ambiente, [...] espécie de ‘sistema’ regulador que, através de suas próprias auto-operações, realizam o funcionamento de um novo tipo de trabalho do registro do simbólico” (Fausto Neto, 2008, p. 128). Formando tal rede de interconexões entre meios, as mídias não podem mais ser fragmentadas em conceitos estanques como “produtor”, “mensagem”, “conteúdo”, “veículo”, “receptor” (cf. Gomes, 2008).

Entendendo as mídias como redes, é possível perceber que não há um “centro” fixo ou um “polo” desencadeador dos processos midiáticos, mas sim interações comunicacionais, *relações de relações*. Portanto, a ação midiática não é detida por um único agente (como um único “produtor” fixo, ou a tecnologia), mas toda a rede comunicacional (a *mídia*, como aqui a entendemos) age e interage. Dada a complexidade dos fenômenos, as mídias não são algo dado de antemão, ou empiricamente circunscrito, mas o observador pode delimitar suas fronteiras a partir das inter-relações observadas, exercício que é sempre uma abstração diante de um real que o ultrapassa: o dispositivo midiático emerge, assim, a partir da inter-relação entre plataformas sociodigitais, ações comunicacionais e práticas sociais em um dado contexto, em fluxo circulatório.

Se tomarmos aqui o caso do Facebook, vemos que essa plataforma pode ser vista como uma mídia em si mesma, constituída por diversos meios (páginas, grupos, perfis, fotos, vídeos, textos, etc.), delimitados por um contexto sociocultural dado em que tal plataforma é acionada por indivíduos, grupos e instituições. Por outro lado, o Facebook também pode ser visto como meio articulado em uma rede midiática mais ampla, como a própria internet, em que se estabelecem redes mais complexas de circulação comunicacional que permeiam a sociedade, envolvendo também o Twitter, por exemplo. Nesse caso, o Facebook é parte de um macroambiente midiático digital, no qual interage com outras plataformas midiáticas (como o Twitter), além de outros sistemas sociais e culturais presentes nesse ambiente.

Dessa forma, as mídias também não têm uma fronteira específica, um “início” ou um “fim”. Primeiro, porque a “cisão” que caracteriza uma mídia é operada pelo observador; e, segundo, porque elas mantêm relações contínuas, internas e externas, que as constituem como redes. É um “*estar entre, estando dentro*” (Cauquelin *apud* Musso, 2007, p. 224; trad. nossa). Elas envolvem relações e afetações internas e externas entre meios, com outras mídias e com o ambiente social – interplatafórmicas ou intermediárias –, de modo que cada meio, ao interagir com os demais, gera afetações no ambiente midiático, e este, por sua vez, em suas transformações evolutivas, gera afetações sobre cada meio específico.

Entendendo as mídias como uma rede de relações entre meios de comunicação em um dado contexto de práticas socioculturais, buscamos relacionar conceitualmente as interações entre tecnologias, usos comunicacionais e processos culturais mais amplos (sociais, tecnológicos, simbólicos, políticos, econômicos, religiosos, empresariais, etc.). As redes, assim observadas e descritas, permitem-nos entendê-las como estruturas compostas pela *interconexão dinâmica e instável* entre diversos interagentes (Musso, 2004). E nenhum desses interagentes é fundamental para a manutenção da rede e eles só existem em rede enquanto interagem comunicacionalmente.

Nesse sentido, nas próprias plataformas sociodigitais, como Facebook e Twitter, entre elas e para além delas, emergem *redes comunicacionais*, dinâmicas e instáveis, na articulação entre matrizes de comunicabilidade em interconexões sociodigitais. Estas organizam as ações comunicacionais sobre o *socius* em rede e dinamizam as plataformas sociodigitais. Essas complexas redes emergentes de comunicação – mais do que para as matrizes de socialidade de uma rede (redes “sociais”) ou para as suas matrizes de tecnicidade ou informacionalidade (redes “digitais”) – apontam para os *processos comunicacionais transversais* que se estabelecem a partir das conexões digitais.

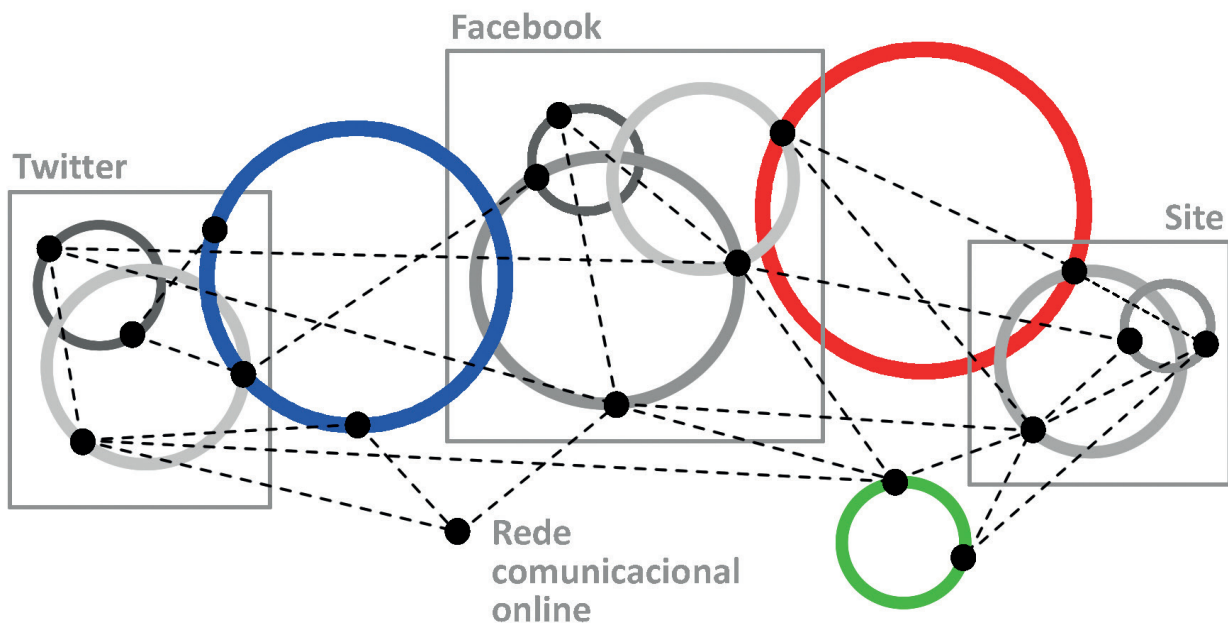
O Facebook ou o Twitter, por exemplo, como plataforma, não são redes comunicacionais, mas estão perpassados por redes comunicacionais. Tais redes não nascem prontas: elas demandam ações específicas – comunicacionais – por parte dos diversos interagentes, que as constituem em suas interações, e, por sua vez, isso exige do observador um olhar também “em rede”, “em movimento”, e não fixado apenas em estruturas técnicas das plataformas. Isto é, embora possibilitada pelas configurações técnicas de cada plataforma, não são apenas estas que alimentam a circulação: a possibilidade de tuitar só existe enquanto é acionada comunicacionalmente e, ao ser acionada, está sempre sendo reinventada socialmente.

Desse modo, não é a plataforma sociodigital – como Facebook e Twitter – que constitui a rede comunicacional, mas, ao contrário, é esta que dinamiza e “dá vida” à plataforma, como seu “fato explicativo” (Musso, 2007). As especificidades tecnodigitais das plataformas buscam delimitar e condicionar tais redes, contudo, estas, por serem constituídas pelas interações comunicacionais entre diversos interagentes, vão sempre além de tais especificidades, reconstituindo-as e reinventando-as a partir de contextos interacionais locais.

Como os diversos artefatos tecnológicos digitais também podem se conectar entre si, assim como as diversas plataformas e interagentes, tais padrões comunicacionais em rede desencadeiam o processo de circulação, em uma conexão de múltiplas redes comunicacionais, marcadas por um desenvolvimento interdependente. Trata-se de um fenômeno de conexão de conexões, redes de redes, não importa qual seja o ponto de acesso. Surge um ecossistema de conexões, em que cada microssistema em rede interage com os demais, afetando e sendo afetado, dando forma a um macrossistema conectivo (Dijck, 2013).

Dessa maneira, o foco não está nos vínculos sociais definidos de antemão, mas sim no movimento constante de construção e desconstrução das relações; nem em espaços digitais entendidos como sistemas fechados, delimitados, mas sim no cruzamento, no atravessamento, na circulação das próprias plataformas. Em sentido comunicacional, tais redes se explicitam como um processo desencadeado por fluxos de ação comunicacional articulados ao longo do tempo. Tais ações demandam um esforço comunicacional constante – que vai além das estruturas sociais e dos automatismos tecnológicos – para a sua construção e manutenção, que fazem emergir uma ambiência midiaticizada. O “movimento” comunicacional em circulação se constitui, portanto, a partir das lógicas de relação entre tais redes, isto é, na interação entre plataformas, circuitos e interagentes, que dinamiza o fluxo circulatório, em complexidade crescente (Fig. 1).

Figura 1 – Relações entre circuitos, fluxo circulatório e redes comunicacionais



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como aponta a figura, por um lado, temos as plataformas sociodigitais, como o Facebook e o Twitter, ou sites próprios específicos – indicados na figura acima pelos retângulos cinzas. Eles podem ser mais claramente delimitáveis como ambientes de interação demarcados pelas suas interfaces e protocolos específicos. Até podem “dialogar” (como indicam os círculos coloridos), mas não são intercambiáveis: o Facebook permite (e impede) ações comunicacionais de forma diferente do Twitter (tuitar é diferente de postar; retuitar é diferente de compartilhar, etc.). O que a conta de uma pessoa faz no Twitter é diferente do que o perfil dessa pessoa faz no Facebook, porque, embora o “sujeito” comunicacional seja o mesmo, a sua ressignificação dentro das estruturas delimitadas e possibilitadas pelas plataformas lhe confere outra caracterização: um tuíte, com um “conteúdo” claramente identificável, ao ser postado em outra plataforma como o Facebook, circula de modo diferente no novo ambiente, tendo sido gerado por ações comunicacionais diferentes e, por sua vez, gerando outras ações comunicacionais diferentes.

Cada plataforma, por outro lado, envolve diversos circuitos específicos de interação, indicados na figura acima pelos círculos: no Twitter, contas, tuítes, retuítes, respostas, “curtidas”, marcadores, etc.; no Facebook, páginas, subpáginas, grupos, postagens, “curtidas”, comentários, compartilhamentos, *hashtags*, etc. Como circuitos-círculos, são processos em constante movimento interacional, em que as divergências caóticas de sentido se conectam e interagem de uma forma perceptivelmente organizada.

Em tais plataformas, encontramos diversos tipos de circuitos:

- intraplatafórmicos;
- interplatafórmicos;
- extraplatafórmicos intermediáticos; e
- extraplatafórmicos transmediáticos.

Desdobremos tais nomenclaturas. Se tomarmos o caso de um tuíte, ele irá desencadear ações comunicacionais específicas no Twitter por parte de outros interagentes em sua especificidade como tuíte: “curtidas”, respostas ou retuítes. Se tal conteúdo for retuitado por outro interagente, essa retuitagem, por sua vez, gera um novo circuito no interior da plataforma, desdobrando outras ações possíveis no próprio Twitter. Chamamos tais circuitos de *intraplatafórmicos*, por existirem no interior de uma mesma plataforma (indicados pelos círculos cinzas).

Se, além disso, o conteúdo de um tuíte for compartilhado no Facebook, tal postagem constituirá um *circuito interplatafórmico* emergente (círculo azul), já que tal conteúdo do Twitter foi postado extraplatafórmicamente. A postagem no Facebook, por sua vez, envolverá subcircuitos intraplatafórmicos no campo de comentários (com as possibilidades de respostas diretas a comentários específicos). O mesmo irá ocorrer se tal postagem for compartilhada com outro interagente ou com um grupo no interior do próprio Facebook, gerando um circuito específico no perfil da pessoa ou grupo que receber o compartilhamento.

Por outro lado, uma conta no Twitter, em geral, remete a pessoa a diversos links, ao compartilhar tais conteúdos. Já um perfil ou página no Facebook também pode remeter os interagentes para seu site próprio, além de postar conteúdos publicados em outros sites específicos, gerando, portanto, *circuitos extraplatafórmicos intermediáticos* (círculo

vermelho). Temos, assim, a configuração de ambientes interacionais que vão além de uma plataforma específica, dialogando e se entrecruzando com um site, por exemplo. Nessa relação, ambos mantêm características próprias, para além de suas especificidades técnicas, e o circuito se constitui, precisamente, a partir de ações comunicacionais inter-relacionadas.

Por fim, existem casos em que os processos midiáticos desdobram processos para além das mídias, ou seja, ações comunicacionais que nascem em um dado ambiente midiático, mas o ultrapassam, desdobrando outras ações comunicacionais para além de tal ambiente. Esse é o caso de encontros ou eventos presenciais organizados em um dado local, a partir dos vínculos sociais construídos em contatos via Facebook ou Twitter. Chamamos tais circuitos de *extraplatafórmicos transmidiáticos* (círculo verde), por articularem ambientes para além de uma mídia propriamente dita e circunscrita pelo observador, como, neste caso, a internet. Isso não significa o abandono, o evitamento ou a fuga de outros processos midiáticos “posteriores”. O importante é destacar que são casos que manifestam mais claramente o “trans”, o “para além” de fenômenos que não são apenas “produto” midiático, mas *processos produtores* de novas articulações comunicacionais em midiaticização: desponta aí, com mais realce, a emergência de uma “nova ambiência” sociocomunicacional midiaticizada, que representa “uma viragem fundamental no modo de ser e atuar” (Gomes, 2010, p. 162) dos indivíduos e sociedades contemporâneos.

Como indica a figura acima, cada circuito é dinamizado pelos “pontos” pretos, indicando os diversos interagentes em relação e interação naquele ambiente específico, que dão movimento comunicacional ao próprio circuito. Tais interagentes são plurais e heterogêneos, identificáveis contextualmente a partir das interações, podendo ser páginas como um todo, interagentes específicos, grupos no interior das plataformas, ou mesmo uma postagem específica como “produto” comunicacional que “interage” com outros, uma especificidade técnica que condiciona a própria interação, etc. Sua “posição” na figura acima também é momentânea e passageira, pois, em um segundo momento, tal interagente já estará em outra posição, dado o movimento constante do fluxo circulatório. Tais circuitos, como dizíamos, começam antes de qualquer “ponto” identificável e também continuam depois, e constituem um dos processos-chave da organização do processo circulatório em redes comunicacionais.

Por sua vez, os diversos interagentes (indicados pelos pontos pretos na figura) se interconectam com os demais interagentes, inseridos em circuitos e plataformas específicos, que, mediante tal interconexão, abrem-se a outros circuitos e plataformas: a linha tracejada indica que tais conexões e a própria “posição” do interagente são mutáveis e instáveis, dependendo de contextos locais muito

específicos de interação, cujo movimento é constante. A realidade histórica da interação singular e específica em prática explícita, dessa forma, uma “flexibilidade potencialmente adaptativa das ações em comum” (Braga, 2013, p. 165). Na figura acima, também não há setas indicando direcionalidade, porque as ações são mútuas e retroativas, pondo em conexão, por sua vez, circuitos diferentes em plataformas diferentes. Com Castells (2000, p. 393), podemos afirmar que é justamente a partir da capacidade de selecionar seus “circuitos multidirecionais de comunicação” que se constitui a interacionalidade dos interagentes em rede. São tais ações que constituem os circuitos específicos e alimentam o “movimento” em fluxo da circulação. “A rede-fluxo faz circular definindo a nossa posição como passagem nas redes ou como conexão à rede” (Musso, 2007, p. 228; trad. nossa).

Em suma, circuitos intraplatafórmicos, interplatafórmicos, extraplatafórmicos intermediários e extraplatafórmicos transmidiáticos, em suas complexas relações, variáveis e instáveis, emergem, por sua vez, como “circuitos retroativos” (Morin, 2008). Ou seja, nascem do encontro de (no mínimo) “dois fluxos antagônicos que, interagindo um sobre o outro, se entrecombinam em um circuito que retroage enquanto todo sobre cada momento e cada elemento do processo” (*ibid.*, p. 228).

Os circuitos são “generativo[s] em permanência” (Morin, 2008, p. 230), conectando e associando de forma organizada aquilo que, de outra forma, permaneceria desconectado, divergente, dispersivo, desintegrado. Tal organização, por sua vez, gera novas “desorganizações” mediante a variabilidade e a instabilidade dos circuitos – novos compartilhamentos, retuítes, comentários, etc. –, o que demanda uma reorganização dos circuitos, e assim por diante. Uma plataforma sociodigital, portanto, emerge como um “multiprocesso retroativo” (*ibid.*), em constante movimento de fechamento, abertura e interação entre os diversos circuitos que a constituem. É pelo fato de o circuito ser aberto que ele não é um círculo vicioso; e é por ser fechado que ele é um circuito.

O fluxo circulatório vai perpassando e sendo perpassado por esses diversos níveis observados, que se interretroalimentam, dinamizando os processos midiáticos envolvidos. Nasce aí uma rede propriamente comunicacional, que põe em interação plataformas, circuitos, fluxos e interagentes diversos, cujos desdobramentos dependem desse complexo “organismo-rede”. Destacam-se, nos processos midiáticos analisados, matrizes de comunicabilidade emergentes, porque a própria constituição daquilo que observamos como rede “é operada pelo *ato da comunicação*” (Castells, 2013, p. 11; grifo nosso). As diversas matrizes de conexão sociossimbólica que se manifestam nas plataformas sociodigitais constituem, portanto, os circuitos comunicacionais, que, por sua vez, dinamizam o fluxo circulatório. Este, como macroprocesso, gera,

degenera e regenera as – sendo, ao mesmo tempo, produto e produtor das – redes comunicacionais, que, por sua vez, geram, degeneram e regeneram os circuitos nas e entre as plataformas sociodigitais.

4 A circulação em rede vista a partir da comutabilidade produção-recepção

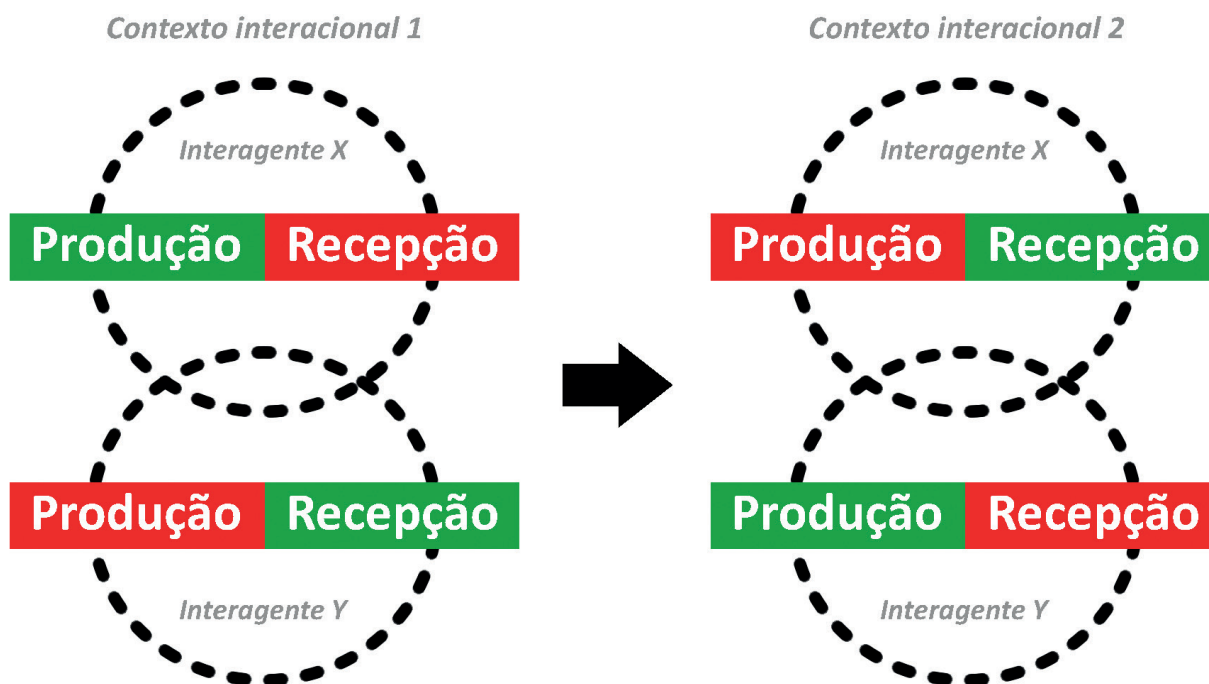
O que o ambiente digital explicita ao observador é que, em circulação, o que se instaura entre um polo produtor e um polo receptor de sentidos não é uma zona neutra. A comunicação, nesse sentido, pode ser vista como uma dinâmica de construção de sentido em constante “movimento” de circulação. “Os discursos sociais são sempre produzidos (e recebidos) dentro de uma rede extremamente complexa de indeterminações” (Verón, 2004, p. 69), que envolve uma diferença (entre polo produtor e polo receptor) que gera uma diferença (o efeito esperado

pelo polo produtor sobre o polo receptor e a reação do polo receptor ao polo produtor não se atualizam de forma previsível). Sendo um processo circulatório, comunicação é aquilo que, mediante *convergência de interação*, desencadeia *divergência de sentido*, mediante uma pluralidade de interagentes, discursos, símbolos, meios, lógicas, dinâmicas, contextos.

A circulação, portanto, é aquilo que *relaciona* os interagentes comunicantes, é aquilo que institui os próprios polos (sempre momentâneos) de produção e de recepção. Não se trata de papéis fixos e imutáveis de “produtor” e “receptor”, pois é quase impossível definir uma única instância produtora ou uma única instância receptora. Embora a circulação só possa ser entendida na complementaridade entre produção e recepção, o polo produtor e o polo receptor não podem ser definidos aprioristicamente.

De certa forma, por sua interação e complementaridade, o polo produtor e o polo receptor não seriam imutáveis, mas sim *comutáveis* (Fig. 2):

Figura 2: Polos de produção e recepção em interagentes em circulação



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como indica a figura acima, um mesmo interagente pode ser observado como produtor (interagente “X”) ou como receptor (interagente “Y”), de acordo com seu contexto singular de interação (“Contexto interacional 1”), e tal polo pode se modificar em outra situação (“Contexto interacional 2”). Mas um interagente singular não pode ser produtor-receptor ao mesmo tempo em uma mesma ação comunicacional, nem apenas produtor ou receptor isoladamente: cada ação comunicacional ou cada interagente

são complementarmente distintos e dualmente inter-relacionados com outras ações ou interagentes (cf. Aquino, 2013).

Nesse sentido, produção e recepção só existem *reciprocamente*, constituindo-se *mutuamente* mediante a dinâmica da circulação. Como polos comutáveis, tanto um interagente em produção quanto um interagente em recepção – ou o mesmo interagente em situações distintas de produção e recepção – *trabalham sobre o que*

está em circulação, fazendo circular aquilo sobre o qual trabalham e *pondo a si mesmos em circulação*. As interações comunicacionais entre instâncias de produção e instâncias de recepção não são resultado apenas de uma atividade intencional e causal de um agente central, mas sim processualidades complexas, em que nenhum dos polos detém o controle das dinâmicas comunicacionais. Nessa interação, sentidos, interagentes, contextos se organizam e se transformam: *interação, organização e transformação*, por conseguinte, são processos polilógicos, “simbióticos”, inter-relacionados naquilo que chamamos de circulação.

A comunicação, portanto, não é um mero ato automático de atribuição de sentidos a produtos já dados entre um produtor e um receptor prefixados, assim como o *socius* em midiatização não é apenas resultado da relação unidirecional mídia → sociedade. Ao contrário, o sentido é produzido em meio a “situações de complexas indeterminações constituídas por inevitáveis intervalos e descompassos”, em “um jogo no qual a questão dos sentidos se engendra em meio às disputas de estratégias e de operações de enunciação” (Fausto Neto, 2008b, p. 54) envolvendo interagentes diversos e heterogêneos.

Os polos produtores e receptores só existiriam, se constituiriam, se mobilizariam, se vinculariam e se reconheceriam reciprocamente como resultado da circulação. É ela que constitui tais lugares de construção e reconhecimento de sentido. Na circulação, “todos estão a serviço de um fluxo informacional [...] são indivíduos produtores e receptores, que estão a serviço da máquina de circulação” (Ferreira & Daibert, 2012, p. 91; trad. nossa).

Em vez de ver o movimento comunicacional circulatório como “‘entre’ dois lugares fixados de antemão”, como “produtor” e “receptor”, ou produto e reconhecimento, podemos considerar as situações de produção e recepção como “‘entre dois movimentos’” que constituem o fluxo da circulação (Amar, 2011, p. 44; trad. nossa). Movimentos que se manifestam como *recursão, reorganização e regeneração*, em que os sentidos “finais” tornam-se catalisadores de novas ações para a geração e organização de (novos) sentidos “iniciais” ou “primeiros”, possibilitando a própria regeneração e a reorganização dos circuitos (cf. Morin, 2008). No caso das redes digitais, o processo se complexifica ainda mais, já que lidamos com redes-fluxos: “A rede nos guia na passagem e nos transforma em ‘passantes’, desde sempre imersos no fluxo (de informações, de imagens, de sons, de dados...). O movimento é contínuo” (Musso, 2007; p. 228, trad. nossa).

5 Conclusão

Em sociedades em midiatização, as pessoas em geral passam a estar equipadas com os recursos reflexivos e

expressivos necessários para construir sentido publicamente sobre o seu contexto sociocultural mais amplo. No fluxo circulatório em redes comunicacionais, especificamente, os polos de produção e de recepção não desaparecem, mas não é mais possível fixá-los em um sujeito social específico, como as corporações midiáticas ou as instituições sociais tradicionais.

Dessa forma, na midiatização digital, vão surgindo novas modalidades de percepção e expressão de sentidos sociais no ambiente digital, graças à publicização e à acessibilidade por parte de inúmeros interagentes em rede, em toda parte e a qualquer momento. Catalisa-se, assim, o processo da circulação, mediante aproximações, tensionamentos e distanciamentos em relação aos sentidos construídos sobre o *socius*. Agindo em um cosmos coletivo de sentidos sociais e internalizando-o, os indivíduos em rede apropriam-se subjetivamente desse reservatório e dessa matriz histórica de sentidos e os reconstróem coletiva e publicamente. Sendo redes simbólicas socialmente constituídas e configuradas, as próprias instituições sociais tradicionais, ao entrarem no fluxo da circulação de sentidos em rede, são ressignificadas pelas ações comunicacionais da sociedade.

A circulação, portanto, emerge como *a articulação de lógicas e dinâmicas de reconstrução comunicacional inerentes a agentes em interação*, sejam eles sentidos, discursos, símbolos, contextos, instituições, coletivos, indivíduos, tecnologias, etc., apenas conjunturalmente passíveis de observação. A circulação gera a forma organizacional da interação entre tais elementos, que, por sua vez, geram a circulação. É ela que organiza a dispersão de sentidos, a diferença nos níveis de ação comunicacional, as defasagens tecnológicas materiais, regenerando a desordem e o caos nos processos comunicacionais. A circulação, assim, é ela própria um *processo organizador* da comunicação, que dá forma às ações comunicacionais. Trata-se de uma rede complexa formada por interações sociais (não harmônicas) sobre referências simbólicas comuns (não homogêneas) em um mesmo ambiente de ação (não neutro).

Na articulação complexa entre socialização em rede, tecnicização digital e simbolização sociocultural, surge um contexto de reinvenção de práticas sociais, mediante uma possibilidade de reconstrução pública, em uma ruptura de escala, de alcance e de velocidade em relação aos processos sócio-históricos já consolidados de constituição do *socius*. Assim, a circulação do *socius* em rede leva à sua própria *reconstrução*, como invenção/produção de algo “novo” (*construção*) ou como experimentação/trans formação de algo já existente (*desconstrução*). E tal experimentação sociocomunicacional é justamente um dos principais processos de constituição da própria midiatização.

Referências

- AMAR, Georges. 2011. *Homo mobilis: la nueva era de la movilidad*. Buenos Aires, La Crujía.
- AQUINO, Marcelo F. de. 2013. Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, ano 11, n. 187. Disponível em: <http://goo.gl/ToH0yp>. Acesso em: 17 jul. 2018.
- BRAGA, José Luiz. 2012a. Circuitos versus campos sociais. In: M.Â. MATTOS; J. JANOTTI JUNIOR; N. JACKS (org.), *Mediação e midiatização*. Salvador, EDUFBA, p. 31-52.
- BRAGA, José Luiz. 2012b. La política de los internautas es producir circuitos. In: M. CARLÓN; A. FAUSTO NETO (org.), *Las políticas de los internautas*. Buenos Aires, La Crujía, p. 43-60.
- BRAGA, José Luiz. 2013. O que a comunicação transforma? In: J.L. BRAGA et al. (org.), *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, Unisinos, p. 156-171.
- CASTELLS, Manuel. 2000. *A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1)*. 4ª ed., São Paulo, Paz e Terra.
- CASTELLS, Manuel. 2013. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro, Zahar.
- DIJCK, José Van. 2013. *The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media*. New York, Oxford University Press.
- FAUSTO NETO, Antonio. 2007. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. *Diálogos Possíveis*, Salvador, 6(2):7-28, jul.-dez.
- FAUSTO NETO, Antonio. 2008. Mudanças da medusa? A enunciação midiatizada e sua incompletude. In: A. FAUSTO NETO et al. (org.), *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo, Paulus, p. 119-144.
- FAUSTO NETO, Antonio. 2008b. Comunicação das organizações: da vigilância aos pontos de fuga. In: L.L. OLIVEIRA; A.T.N. SOARES (org.), *Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações*. São Paulo, Difusão, p. 39-63.
- FAUSTO NETO, Antonio. 2010. A circulação além das bordas. In: Antonio FAUSTO NETO; Sandra VALDETTARO, *Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina*. Rosario, UNR, p. 2-17. Disponível em: <http://goo.gl/hN2Ec9>. Acesso em: 17 jul. 2018.
- FERREIRA, Jairo. 2008. Um caso sobre a midiatização: caminhos, contágios e armações da notícia. In: A. FAUSTO NETO et al. (org.), *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo, Paulus, p. 51-65.
- FERREIRA, Jairo. 2010. Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional. In: A. FAUSTO NETO et al. (org.), *Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, p. 67-78.
- FERREIRA, Jairo. 2012. ¿Qué cultura se configura con los dispositivos digitales? Inferencias a partir de casos investigados desde el enfoque de la mediatización a partir de la Web 2.0. In: CEDAL, *Cultura Digital en América Latina: investigación interuniversitaria Educación y Evangelización*. Bogotá, CEDAL, p. 250-269.
- FERREIRA, Jairo; DAIBERT, Paula. 2012. ¿Dónde estás? En búsqueda de lo tercero en el terreno de índices e íconos en el estudio de un conflicto inexplorado: el caso sharek.al jazzera.com. In: M. CARLÓN; A. FAUSTO NETO (org.), *Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación*. Buenos Aires, La Crujía, p. 81-96.
- GOMES, Pedro Gilberto. 2008. O processo de midiatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade: a relação mídia e religião. In: A. FAUSTO NETO et al. (org.), *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo, Paulus, p. 17-30.
- GOMES, Pedro Gilberto. 2010. *Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo, Paulinas.
- MORIN, Edgar. 2008. *O método 1: a natureza da natureza*. 2ª ed., Porto Alegre, Sulina.
- MUSSO, Pierre. 2004. A filosofia da rede. In: A. PARENTE (org.), *Tramas da rede*. Porto Alegre, Sulina, p. 17-38.
- MUSSO, Pierre. 2007. *L'ideologia delle reti*. Milano, Apogeo.
- PRIMO, Alex. 2003. Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, 5(2):125-142. Disponível em: <http://goo.gl/iLiMtp>. Acesso em: 17 jul. 2018.
- SODRÉ, Muniz. 2014. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, Vozes.
- VERÓN, Eliseo. 2004. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, Unisinos.
- VERÓN, Eliseo. 2013. *La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires, Paidós.

Artigo submetido em 10-10-2016

Aceito em 14-05-2018